

BULLYING E IDENTIDADE: REPERCUSSOES PSICOSSOCIAIS EM JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE TERESINA (PI)

Thayse Emanuelle Menezes dos Santos¹;

Francisco de Oliveira Barros Júnior²

RESUMO

O presente artigo apresenta o projeto de pesquisa que será realizado no mestrado em Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí objetivando analisar as repercussões psicossociais do *bullying* em jovens de escolas públicas de Teresina (PI), Verificar fatores desencadeantes da prática de *bullying* em jovens de escolas públicas e investigar a relação das repercussões do *bullying* com os aspectos do processo de construção da identidade desses jovens. Dessa forma, esse estudo se fundamenta em teóricos que discutem violência escolar, adolescência, *bullying* e identidade. Para isso será feita uma pesquisa de campo, exploratória com alunos, pais e professores de escolas públicas de Teresina (PI) a partir de questionários, entrevistas e oficinas. Assim, será possível otimizar reflexões críticas sobre essa temática, principalmente no que diz respeito as políticas públicas e proporcionar subsídios aos profissionais que lidam com jovens nas escolas e em outros espaços.

Palavras-chave: Violência escolar. *Bullying*. Adolescência. Identidade.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo surgiu diante de experiências em escolas públicas, como estagiária de psicologia escolar, na minha formação acadêmica, observando a dificuldade de alunos em lidarem com as repercussões da violência escolar, do tipo *bullying*, na construção de suas identidades, como também dos profissionais e da família em buscarem soluções para tais dificuldades. Dessa forma, o foco dessa pesquisa no mestrado em Políticas Públicas se dará no ambiente escolar, visto como uma das instituições sociais que fazem parte da construção do sujeito.

Estatisticamente a violência tem aumentado no Brasil. Um levantamento realizado pela Unesco em 2002, foi o pioneiro a examinar a insegurança na escola por meio de estatísticas. O estudo concluiu que na maioria das escolas, sejam públicas ou privadas, a violência atingiu tal patamar que os alunos estão tão inseguros na sala de aula como se estivessem na rua.

Diante dessa relação de poder e meios de coerção pode-se falar em uma das grandes preocupações da realidade das escolas: violência escolar denominada *bullying*, também chamado de intimidação, assédio, ameaça ou provocação que pode ser identificado por meio de algumas ações, como ressalta a ABRAPIA- Associação Brasileira de Proteção a Infância e Adolescência- colocar apelidos depreciativos, ofender, zoar, humilhar, ferir, roubar, excluir, etc, referindo-se aos maus-tratos físicos ou psicológicos por parte de um ou mais alunos a outro aluno. Esse tipo de violência se caracteriza por alvo, autores , testemunhas e alvos/autores.

Sabe-se que o ambiente familiar e escolar estão presentes na construção das relações sociais que podem ser saudáveis ou de intimidação, onde uns se apropriam de sua grande estatura ou força física para intimidar outros, resultando muitas vezes em violência constante , evasão escolar, baixo rendimento escolar, depressão e até suicídio. Além disso, há as implicações na formação da identidade social do sujeito que é um ser intrinsecamente social.

Para Hall (2003) a identidade é uma construção social que se caracteriza pela vinculação do sujeito a um grupo social e diferenciação dos demais grupos, a partir das relações de poder estabelecidas na sociedade onde está inserido.

E quando essas relações de poder implicam em preconceito e estigma afeta a construção da identidade do adolescente ferindo sua auto-estima, prejudicando seu desempenho escolar e suas relações afetivas e sociais.

Mesmo que a noção de formação de identidade envolva mudanças, por se configurar um processo em aberto, é necessário analisar sua relação com as repercussões da violência social, especificadamente a escolar, desde a adolescência, para que se possa elencar estratégias de prevenção e ação que envolvam o sujeito,a família, e a escola como um todo, uma vez que os profissionais devem estar atentos para as políticas públicas que permeiam essa realidade.

OBJETIVOS

Geral: Analisar as repercussões psicossociais do *bullying* e sua relação com a formação da identidade social de jovens de escolas públicas.

Específicos: Verificar fatores desencadeantes da prática de *bullying* ; e investigar os aspectos de construção da identidade social de jovens de escolas públicas.

DESENVOLVIMENTO

A violência não se apresenta como fato novo ainda preocupando a sociedade que convive com isso em diferentes âmbitos (física, verbal, etc) e locais(casa, trabalho, escola, etc).

Embora, etimologicamente, a palavra violência se remeta a noção de força, são numerosos os estudos que consideram como violentas situações que não envolvam a força física, como a agressão por meio de palavras e atitudes.

Bernard Charlot (1997 apud ABRAMOVAY 2003) afirma a dificuldade em definir violência escolar não somente porque se refere a fenômenos heterogêneos,difíceis de limitar ,como também a desestruturação das representações sociais que tem valor fundador: infância(inocência), escola(refúgio de paz) e sociedade(pacificada no regime democrático).

Nesse sentido, destaca-se o *bullying*, também chamado de intimidação, assédio,ameaça,ou provocação que esta deve ser tema urgente nas escolas e se refere especificadamente aos maus tratos físicos ou verbais por parte de um ou mais alunos a outro aluno.

Sabe-se que os primeiros estudos sobre esse fenômeno iniciou na Universidade de Bergen,no começo dos anos 70,com o psicólogo Dan Olweus devido a incidência de agressividade nas escolas norueguesas.Contudo as instituições não tinham interesse sobre o tema. Na década de 80, as escolas despertaram para o mesmo diante de três casos de suicídio com jovens entre 10 e 14 anos.

A pesquisa de Olweus foi realizada com 8400 estudantes, 300 a 400 professores e 100 pais, com uso de questionários contendo 25 questões com respostas e múltipla escolha, para verificar a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipo de agressores e percepções individuais quanto ao numero de agressores. Essa pesquisa objetivava caracterizar o *bullying* e sua extensão avaliando seu impacto com o olhar da

própria criança. Assim, o resultado mostrou que um em cada sete estudantes estavam envolvidos na síndrome.

Em 1993, Olweus publicou o livro “*Bullying at School*” que tinha o intuito de ajudar a identificar o *bullying*, além de propostas de intervenção no âmbito escolar. A partir dessa obra surgiu uma campanha nacional apoiada pelo governo norueguês repercutindo, posteriormente, em outros países.

Este tipo de violência encontrada principalmente nas escolas agrega atitudes agressivas intencionais e repetidas que são manifestadas por estudantes contra seus colegas de classe ou de escola, resultando em angústia a estes, como por exemplo apelidos depreciativos. O *bullying* compreende alvos, alvos/autores, autores e testemunhas e ocorrem com maior frequência em meninos.

O perfil dos autores se caracteriza por alunos que só praticam o *bullying*, geralmente tem pouca empatia, fazem parte de uma família na qual há pouca relação afetiva entre seus membros e tem a violência como forma de modelo de comportamento e posição de poder. Além disso, procuram agredir pessoas que geralmente apresentam obesidade, baixa estatura, deficiência física ou mental e diferentes aspectos culturais, étnicos ou religiosos.

Os alvos são aqueles que sofrem desta violência, geralmente são pouco sociáveis, tímidos, com baixa auto-estima e pouco estimulados na família. Também podem ser alunos com alto desempenho escolar e que podem ter seu rendimento diminuído devido as agressões, além de depressão e até suicídio.

Os alvos/autores são alunos que por hora sofrem de *bullying* e por outra praticam, no intuito de reagirem e levantarem sua auto-estima, assim se “vingam” dos atos que sofrem, exercendo poder sobre um grupo e humilhando outros.

E as testemunhas representam a maioria dos alunos que não denunciam a violência devido ao temor de se tornarem os próximos alvos. Esses estudantes até se sentem incomodados com essa prática, porém inseguros sobre qual atitude realizar.

Nesse contexto, é importante diferenciar as brincadeiras que são próprias da criança das práticas de *bullying*, pois nestas os atos são repetidos com frequência e

ocasionam incapacidade e inabilidade do alvo reagir, afetando assim sua auto-estima, identidade e suas relações sociais.

Observa-se alguns fatores que podem desencadear esse fenômeno em crianças com o perfil de possíveis autores de *bullying*: sentimento de insegurança, vítimas de algum tipo de abuso, humilhações frequentes pelos adultos, pressão constante para obter sucesso em suas atividades, dificuldade de relacionamento com outras crianças, assumirem papel de “bodes expiatórios” em sua família e gostarem de experimentar a sensação de poder.

Isso pode ser reforçado pelas autoras Beaudoin e Taylor (2006), as quais afirmam que há quatro bloqueios contextuais -- deveres específicos geralmente atribuídos aos membros de uma cultura – que exacerbam o desrespeito e o *bullying*: competição, conquista a todo custo, avaliação e regras.

Segundo Constantine (2004) existem sinais que podem ser percebidos como incidência de *bullying* nos alvos: medo de ir à escola, pedir para trocar de escola, baixo rendimento escolar; chegar em casa com roupa e/ou livros rasgados repetidas vezes, tornar-se uma pessoa agressiva, ansiosa, deprimida, ter pesadelos frequentes, “perder” seus objetos , e se indagada sobre o que está acontecendo sempre apresenta desculpas pouco convincentes.

As conseqüências dessas ações violentas envolvem os autores, alvos, alvos/autores, testemunhas, e vão desde a acentuação dos sentimentos negativos especialmente a baixo auto-estima e insegurança, depressão, dificuldade nos relacionamentos afetivos, dificuldade de adaptação no trabalho ao envolvimento em atos delinquentes e criminosos como também atos de suicídio.

Esse tipo de violência se apresenta tanto em escolas públicas como em privadas, contudo com diferença na forma como é praticada: nas escolas particulares os estudantes valorizam bens materiais servindo assim de motivo para intimidações, enquanto que nas públicas a incidência se dá pela própria violência cotidianamente vivenciada pela comunidade.

De acordo com Spósito (2002) em uma pesquisa no período de 2000, 2002 e 2003 em várias cidades do Brasil, a violência escolar estava presente tanto em escolas de caráter disciplinar rígido quanto em escolas permissivas e desorganizadas. Além

disso, as brigas físicas aumentaram entre os alunos nesse período e já se procurava associar a questão as políticas sociais.

Segundo Boneti e Priotto (2009) as atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar sempre existiram nas escolas públicas e privadas ,tanto nas séries de ensino fundamental ou médio, porém o fenômeno tem se estendido para as séries iniciais e repercute muitas vezes não só na escola como também na vida pessoal, através de mensagens pela internet e celulares.

Além disso, tem o *cyberbullying*, que consiste em agressões por meio de aparelhos de comunicação, como o telefone celular e a *internet*, através de humilhações e deterioração da imagem da vítima em *sites* de relacionamento, entre outros. Para Silva (2010) este tipo de violência virtual se propaga com maior força pela inexistência de padrões éticos e legais para utilização de recursos tecnológicos, falta de empatia nas relações interpessoais, certeza do anonimato, da impunidade e do silêncio das vítimas.

Ao se falar de adolescência, a visão naturalizante da adolescência é mais que uma visão a qual acoberta as determinações sociais, pois na verdade impede a construção de uma política social adequada para que os jovens possam inserir-se na sociedade como parceiros sociais ativos, fortes e criativos.

Para Bock (2004) a psicologia não pode mais manter-se divulgando e reforçando estas visões, pois não contribui para a construção de políticas sociais adequadas para a juventude; não ajuda a construir projetos educacionais adequados para manter os jovens na escola, não ajuda a inserir os jovens nos grupos e nas instituições que têm como vocação o debate sobre a juventude.

Nesse sentido, a adolescência é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como transformações no corpo não deve fazer da adolescência um fato natural.

A adolescência refere-se, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico advindo de uma pressão social.

Dessa forma a escola, por estar inserida na sociedade, é um veículo de ordem social, ensinando desde a infância padrões de comportamento, conceitos bons e verdadeiros sobre os variados aspectos da vida social, além de influenciar na formação da identidade social de cada sujeito que interage com o meio e é capaz de transformá-lo.

Nesse contexto, a formação da identidade social é caracterizada por Hall (2005) não como algo unificado, completo, e fixo, mas a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam há também multiplicidade de identidades.

Para ele existe três concepções de identidade: 1) Sujeito do Iluminismo, que tinha a razão como núcleo interior do sujeito; 2) Sujeito sociológico, que se baseava numa concepção interativa da identidade e do eu, além de constituir o elo de ligação entre o público e o privado; 3) Sujeito pós-moderno, que possui uma identidade mutável e na verdade o sujeito pode assumir identidades diferentes em momentos diferentes.

É importante discutir isso, pois a identidade é construída a partir da relação com os outros em que o convívio através da linguagem, ações, variados papéis sociais (mãe, trabalhadora, filha, estudante, etc) vão sendo observados para depois serem internalizados e diferenciados. Além disso, o contexto histórico deve ser levado em conta e a partir dessa perspectiva o ser humano não possui uma única identidade, mas identidades múltiplas, uma vez que se vincula não só a uma classe socioeconômica, como também a uma classe de idade, gênero, etnia, nação, etc.

Para Melucci (2004) há três características fundamentais quando se fala de identidade de um ser ou de um grupo: continuidade do sujeito, independente do tempo e espaço; delimitação dos sujeitos em relação aos outros; e a capacidade de se reconhecer e ser reconhecido pelos outros.

E quando se fala em formação de identidade se remete a diferenciação do eu e do outro, que não deve ser confundida com o desrespeito e a não aceitação da maneira

como o outro se apresenta, ou seja, o exercício do preconceito. Além disso, pode haver rotulações, exclusão e estigmatização.

Nesse sentido, a violência já se faz presente quando se constrói e perpetua o preconceito e em especial o estigma, definido como um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito em situações extremas, onde o diferente passa a assumir a posição de incapaz.

Segundo Goffman (1993) o estigma estabelece uma relação impessoal com o outro, onde o social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder.

Não se pode esquecer que nessa fase da adolescência o sujeito é atravessado por mudanças corporais, cognitivas e sociais caracterizadas por novas relações de amizade, onde a aceitação no grupo se faz presente, onde a auto-estima está muitas vezes ligada às transformações do corpo e por pensamentos de que nada ruim pode afetá-los. Assim, mediante uma variedade de relações o sujeito juvenil se vê obrigado a estar em mundos cada vez mais diferenciados, tragado pela pluralidade, implicando em uma construção potencial de metamorfose. E como Chaves (2008, p.24) afirma, o processo de se tornar adulto sofre as influências históricas que atravessam e compõem as matérias de expressão e os modos de ser, nos quais a juventude está inserida.

Dessa forma, a identidade social estigmatizada destrói atributos e qualidades dos sujeitos, controlando suas ações, enfatizando seus desvios e ocultando o caráter ideológico dos estigmas. Logo, a rejeição é imposta, levando a perda da confiança em si e reforçando o caráter simbólico da representação social, segundo a qual os sujeitos são vistos como diferentes e incapazes de terem interação social saudável.

E a partir do momento que o sujeito internaliza a não aceitação de si mesmo, fica sem espaço, sem voz, sem papel, sem função social, não sendo assim um sujeito de ação. Isso repercute na auto estima do jovem, que passa a ser o diferente em uma sociedade que exige a semelhança e não reconhece na semelhança as diferenças.

Logo, a escola que era para ser um espaço de construção de sujeitos, de socialização e aprendizagem de valores pode se tornar espaço de práticas de violência e estigmatização, perpassando pela história do sujeito ainda em transformação, como os adolescentes.

Para Silva (2006) a violência de repercussão moral, psicológica e emocional são de efeito tão ou mais profundo que os da violência que atinge e fere o corpo, pois a violência caracterizada como *bullying* fere um valor precioso do ser humano: a auto estima.

A partir dos estudos de Neto e Saavedra (2003) todos os alunos são afetados negativamente ao experimentarem ansiedade e medo. Isso porque não há intervenções contra o *bullying* proporcionando um ambiente escolar contaminado.

Assim, não é fácil modificar o meio enraizado de práticas violentas, contudo é possível o engajamento da escola, família e da sociedade a fim de buscar estratégias a partir de cada contexto sociocultural, uma vez que não há um modelo pronto que servirá para todos. Isso porque o *bullying* é um fenômeno complexo que parece ter múltiplas causalidades.

METODOLOGIA

O estudo será realizado a partir da abordagem qualitativa, configurando uma pesquisa de campo do tipo exploratória. Na pesquisa serão adotados questionários, entrevistas semi-estruturadas e oficinas com jovens de 5ª a 8ª séries, de Ensino fundamental, de escolas da Rede de ensino público de Teresina –Piauí e seus pais, além de professores, totalizando em escolas sendo: 1 municipal e 1 estadual. A escolha de escolas de ensino público se deve à carência de profissionais, principalmente psicólogos, e atividades de prevenção e intervenção relacionadas a esse tema.

A captação das informações sobre as características do *bullying* será feita por meio de um instrumento, cuja elaboração teve como referência o "Questionário sobre *Bullying* - Modelo TMR", adaptado por Ortega, Mora-Mérchan, Lera, Singer, Smith, Pereira & Menesini (1999), a partir do questionário original de Dan Olweus (1989). O questionário será respondido pelos alunos de 5ª a 8ª séries, presentes no dia da aplicação em cada escola de ensino público de Teresina (PI) selecionada pela pesquisadora. As escolas serão orientadas para aplicar o questionário em todas as turmas de cada turno, simultaneamente, a fim de evitar o possível cruzamento de informações entre as turmas, ou de alguma intimidação entre alunos(as). Para que isso aconteça de forma adequada serão realizados questionários-testes.

As entrevistas com jovens que sofrem o *bullying* e seus respectivos pais e professores, serão feitas pela pesquisadora, com o uso do aparelho Mp3 para que as

entrevistas sejam gravadas, respeitando a privacidade, dignidade e autodeterminação dos sujeitos da pesquisa (COOK, 1987). Será explicado o objetivo da pesquisa e solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, serão propostas oficinas com jovens que sofrem de *bullying* com o intuito de obter maior engajamento deles com os conteúdos que envolvem esse tema e estimular outras formas de expressão das repercussões dessa violência.

A tabulação das respostas dos questionários será realizada pelo Statistical Package for the Social Science- SPSS, pois segundo Apolinário (2006) as informações colhidas nestes devem ser apresentadas em planilhas eletrônicas. As entrevistas serão interpretadas através de análise de conteúdo que tem por finalidade a busca do significado de materiais textuais a partir do processo de interpretação teórica das categorias (APOLINÁRIO, 2006), o que exigirá dedicação e rigor (SPINK; LIMA, 2000) por parte da pesquisadora. Para cada entrevista será analisada vertical e horizontalmente para que se possa realizar uma correlação e diálogo entre as falas dos sujeitos (MICHELAT 1987; SPINK; LIMA, 2000).

CONCLUSÃO

É necessário fazer reflexões críticas sobre o que a adolescência vivencia no contexto escolar no que diz respeito ao *bullying*, uma vez que pode acarretar em conseqüências negativas nas suas vidas. Logo, pensar a juventude como uma manifestação da natureza humana é desvalorizá-la e condená-la à identificação com modelos vazios em termos de inserção na sociedade. É preciso superar esta concepção. (BOCK, 2004)

Dessa forma, a escola é vista como o ambiente de formação de relações e se torna espaço de práticas de violência entre alunos que estão imersos em uma sociedade que cultua o individualismo, a competição desenfreada e a falta de tolerância.

Fante (2005) chama a atenção para os fatores externos e internos que podem influenciar a violência escolar. Entre os fatores externos, a autora cita o contexto social, responsável pela exclusão daqueles que não tem acesso a benefícios sociais; os meios de comunicação, que promovem a banalização das relações interpessoais e a família, primeiro local onde as crianças aprendem a relacionar-se com outras pessoas, estendendo o comportamento aprendido para outros locais, como a escola.

Assim, o processo de formação de identidade psicológica, imbricada na construção de identidade cultural e social, poderia ter como um dos componentes dessa equação, mesmo que diante do apelo social pela pluralidade e pela convivência com o diferente, o estabelecimento interior de um conjunto essencial de valores e princípios próprios balizadores da noção de si, de que se é indivíduo em meio aos múltiplos estímulos sócio-culturais, para a sobrevivência psicológica e para a apreensão de contextos externos e adaptação social ao mesmo tempo, mesmo que temporariamente.

PSYCHOSOCIAL EFFECTS BULLYING IN THE PUBLIC SCHOOLS OF YOUNG TERESINA (PI)

ABSTRACT

This article presents a research project that will take place in the Master in Public Policy at the Federal University of Piauí aiming to analyze the psychosocial effects of bullying on young people from public schools in Teresina (PI), describe the causes and consequences of bullying in young and investigate the relationship of the effects of bullying with the aspects of the construction of social identity of these youths. Thus this study is based on theorists who discuss school violence, adolescence, bullying and identity. To do this will be a field research, exploration with students, parents and teachers of public schools in Teresina (PI) from questionnaires, interviews and workshops. So you can optimize critical reflections on this theme and provide allowances for professionals who deal with young people.

Keywords: Violence. Bullying. Adolescence. Identity.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian et al. *Escola e Violência*. Brasília: Unesco, 2003.

_____.et al. *Violência nas escolas: situação e perspectiva*. Boletim 21,Unesco,v.1,p.3-12,2005.

APOLINÁRIO, F. Introdução a análise qualitativa dos dados. In: *Metodologia científica- Filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Thomson Learning, 2006. pp. 159-168

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão*. Cad. CEDES, Campinas, v. 24, n. 62, Abril. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado dia 24 de junho de 2010.

BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. *Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola*. Revista Diálogo Educ., Curitiba, v.9, n.26, p.161-179, 2009.

CHAVES, Emanuelle Karenyne Mota. Programa de pós-graduação em Políticas Públicas –Dissertação UFPI- Mestrado em Políticas Públicas. *Entre punições e táticas : a produção de identidades dos jovens em medidas sócio educativa de privação de liberdade*. Teresina-PI ,2008.115p.

COOK, S. Implicações éticas. In: SELTTIZ, C. ; WRIGHTSMAN, I.S.; COOK, S.W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1987.

CONSTANTINE, Alessandro. *Bullying: como combatê-lo?* Itália Nova Editora, 2004.

DENISOV, V. *Violencia social: Ideologia y Politica*. Moscú: Progreso, 1986.

FANTE,

GOFFMAN, Erving. *Estigma: La identidad deteriorada*. 5 ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MICHELAT, G. Sobre a utilização de entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLLENTE, M.(org). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987. pp.191-211.

NETO, Aramis Lopes; SAAVEDRA, Lucia Helena. *Diga não ao bullying*. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Dezir Garcia da. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais Universidade do Vale do Rio dos Sinos, PPG em Ciências Sociais Aplicadas. *Violência e estigma*. São Leopoldo, 2006. 136p.

SPINK, Mary Jane; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane.(org). *Práticas discursivas e de produção de sentido no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000. pp.93-122.

SPÓSITO Marília Pontes. *Um breve balanço sobre violência escolar no Brasil*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p.24-39, 2002.

